

CINCO MISSIONÁRIOS MÁRTIRES NO EQUADOR

Cinco homens - todos eles jovens - com personalidades diferentes, provenientes de diversas zonas do Estados Unidos, chegaram ao Equador com um objectivo comum. Todos eles tinham respondido a uma mesma chamada: a de pregar o evangelho onde ele nunca tinha sido pregado. Um mesmo e terrível povo estava no coração deles: os Aucas. No entanto, para evangelizá-los, deveriam estar dispostos a pagar o preço.

Operação Auca

O domingo 8 de Janeiro de 1956 tornar-se-ia uma data inesquecível, ainda que dolorosa, para as missões das selvas equatorianas na América do Sul.

Nesse dia o missionário Nate Saint, partiu cedo de Arajuno, a base das operações da “Operação Auca”, e sobrevoou pela enésima vez no seu pequeno Piper Cruiser, a aldeia dos temidos Aucas. A falta de alguns homens encheu-o de alegria. De volta para margem do rio Curaray, a que os missionários haviam dado o nome de “Palm Beach”, avistou um grupo de aproximadamente dez homens que se dirigiam precisamente para esse lugar. Em poucos minutos e adiantando-se ao grupo auca, Nate aterrou junto aos seus companheiros:

— Finalmente rapazes! Eles vêm até cá!

Durante três meses e dois dias estavam fazendo aproximações por avião, deixando prendas atrás de prendas, com mensagens de boa vontade e agora finalmente, tinha chegado a hora de vê-los cara-a-cara, em terra. Os cinco misionários tinham entrado em território auca havia cinco dias e estes, finalmente estavam decididos a aproximar-se.

Com esta boa notícia, Nate chamou às 12h30 a sua esposa Marj, que seguia atentamente os seus movimentos através de radio, em Shell Mera, a base das missões cristãs no Equador oriental. Com palavras entrecortadas disse:

— Uma comissão de 10 homens vem a caminho. Parece que vão estar aqui para o culto da tarde. Orem por nós. Este vai ser o dia! Falamos outra vez às 16h30.

Cinco vocações incontornáveis

A “Operação Auca” foi o ponto final de uma estratégia missionária que havia começado muito tempo atrás no coração de cinco jovens missionários norte-americanos.



Desde muito jovem, Jim Elliot, nascido em 1925, preparou-se para aquilo que ele achava ser a missão da sua vida: pregar o evangelho a pessoas que nunca o tinham ouvido em algum país hispano-americano. Desde pequeno, familiarizou-se com as Escrituras, e desde os anos de colégio – onde foi bom aluno - interessou-se pelo estudo da língua espanhola.

Em Novembro de 1947, Jim escreveu a seguinte carta aos

Jim Elliot

seus pais: “O Senhor deu-me uma sede de justiça e piedade para qual Ele é a única fonte. Somente Ele pode satisfazer esta sede, ainda que Satanás esteja interessado em apagá-la ao suscitar um vasto leque de diversões, tais como a vida social, a busca de renome, de boa posição, ou a obtenção de diplomas académicos... O que será senão o desejo dos pagãos, cujas paixões são falsas e pervertidas? Estes valores não podem em nada cativar a alma que já viu a beleza do Senhor. Provavelmente vão ouvir falar da menção que obtive na faculdade: ela reveste-se do mesmo carácter. Esse diploma vai ser arrumado daqui a pouco numa velha mala na nossa cave, juntamente com o prémio especial, resultado de 4 anos de estudos em Benson. “Debaixo do sol, tudo é vaidade, e anda atrás do vento”. A verdadeira vida está escondida em Cristo...Nesta vida nunca conseguimos uma realização completa: chegar a um objectivo há muito desejado, levamos a ambicionar por outro ainda mais elevado – processo que só se termina com a morte... Que o Senhor nos ensine a viver cada dia como se fosse o último, como Paulo disse: Não tenho a minha vida em nada por preciosa, somente possa acabar a carreira da fé...”

No verão de 1950, depois dum encontro com um missionário que estava no Equador e que o informou das necessidades daquela região, Jim percebeu com maior clareza que deveria ir para lá. Os seus pais interrogaram, juntamente com outros, se o ministério do Jim não seria mais frutuoso nos Estados Unidos onde tantas pessoas ignoram ainda a verdadeira mensagem do Evangelho. Ele respondeu: “Não consigo ficar no meu país enquanto os Quichuas perecem. Que importa se as igrejas repletas da minha terra não estão avivadas? Elas têm as Escrituras, Moisés e os profetas, e muito mais ainda. A condenação delas está escrita nos seus livros de cheques e no pó que recobre as suas Bíblias.”

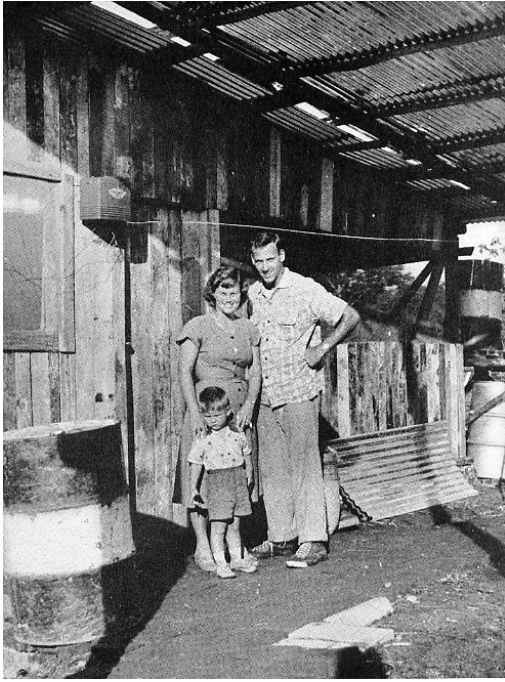


*Jim Elliot e Peter Fleming em
1952*

Em Agosto de 1951 Jim encontrou-se com um velho amigo, Peter Fleming, nascido em 1928. Este acabava de se formar e estava à procura da direcção divina para a sua vida. Como fruto desse encontro, ambos se deram conta de um destino comum. Em Fevereiro de 1952 Jim e Pete tornaram o sonho deles realidade, viajando para o Equador.

O noivado de Pete Fleming com Olive Ainslie não foi impedimento. Partiu sem as responsabilidades de uma família. Seria assim pelo menos no primeiro ano.

Depois de seis meses de estudo de espanhol em Quito, foram para a Selva, até Shell Mera, onde se situava a base da Associação Missionária de Aviação (M.A.F.). Dali seguiram viagem até Shandia, uma estação missionária Quichua.



Ed Mac Cully, Marilou e Stevie

Em Dezembro de 1952, juntou-se a eles, Edward McCully, antigo companheiro de colégio de Jim, desportista e orador destacado. Ed cresceu no Middle West numa família onde o Senhor tinha a primazia. Filho de um pregador activo, que se deslocava um pouco por toda a parte nos Estados Unidos e que testemunhava fervorosamente aos seus colegas de trabalho, Ed tinha pensado tornar-se advogado, mas antes de se matricular no curso de Direito, Deus mostrou-lhe outro caminho. Agora ele, com sua esposa Marilou e o seu pequeno Stevie juntavam-se ao grupo missionário.

Nate Saint, piloto da M.A.F, e a sua esposa Marj Farris, chegaram a Shell Mera alguns anos antes, em 1948. Como profissional de mecânica dos Aviãoes, a sua missão consistia em transportar no seu Piper Cruiser, missionários, suas provisões, doentes, até e desde as zonas mais afastadas e isoladas. As preocupações dele eram a segurança, a eficiência e a economia. Num dos aviões, resolveu trocar os belos assentos, por uns menos confortáveis e mais leves que permitiriam transportar mais comida e equipamentos. Nate tinha um princípio espiritual que também aplicava aos aviões: **“Quando o voo da vida termina e quando descarregamos do**



Nate Saint

outro lado, aquele que se livrou de cargas inúteis será aquele que apresentará a carga mais valiosa ao Senhor.”

Roger Youderian foi o último elemento a juntar-se ao grupo. Nascido em 1924 numa fazenda do Estado do Montana, era o sétimo filho duma família de agricultores. Recebeu por parte da mãe uma formação bíblica fervorosa e sólida. Tornou-se pára-quedista do exército, e lutou na Segunda Guerra Mundial. Quando estava em Berlim, sentiu a chamada de Deus para ser missionário. Desde 1953 que servia entre os índios jivaros e os atshuara.

Uma carga especial

Cinco homens com talentos e personalidades muito diferentes, vindos dos Estados Unidos, da Costa Oeste e ainda do Middle West chegaram ao Ecuador; diferentes mas unidos por um desejo comum. Todas as outras tribos em volta tinham sido alcançadas: os jivaros, os quichuas, os colorados, os cayapas, mas os aucas tinham resistido firmemente. Quem eram e porque eram tão hostis?

Os aucas eram uma tribo – e um território – impenetráveis. Todos os missionários anteriores, desde Pedro Suárez em 1667 tinham sido assassinados. Apesar de tudo, eles abriram-se à civilização mas vez após vez terminou em tragédia. A hostilidade para com o homem branco acentuou-se por causa dos caçadores de borracha no princípio do século XX, que os tinham roubado, torturado, escravizado e matado. Isto havia remetido os aucas à desconfiança e ao temor.

Este povo intrigava os missionários. “Seriam eles assassinos natos? Matariam eles para preservar o seu território? Ou matariam para roubar? Estas perguntas ficavam sem resposta. No entanto, algumas coisas estavam claras: para os aucas, o homem branco era indesejado, e qualquer que se atrevesse a pisar território auca, punha a sua vida em risco.

“A Operação Auca”

A operação começou em Setembro de 1955.

O primeiro passo de aproximação foi feito por Ed McCully que se estabeleceu em Arajuno, um lugar onde viviam cerca de uma centena de quichuas, situado à beira do território auca. Somente um rio os separava. Como tal, Ed colocou uma rede de arame eléctrica em volta da casa e tinha sempre à mão uma pistola e uma espingarda, para poder intimidar em caso de algum ataque. Arajuno começou por ser a base das operações.

No dia 19 de Setembro, Nate e Ed sobrevoaram aquela selva cerrada em busca de zonas habitadas. Depois de alguma procura, encontraram cerca de 15 lugares mais abertos e umas poucas casas. Duas semanas depois, Nate e Peter realizaram uma nova exploração e descobriram meia dúzia de casas a somente 15 minutos de voo de Arajuno. Não havia dúvidas quanto ao próximo objectivo!



Dayuma

Para ultrapassar a barreira da língua, Jim viajou até uma fazenda das proximidades onde vivia Dayuma, uma mulher auca que, depois de um combate sangrento, viu toda a sua família ser massacrada e não teve outra solução senão fugir. Ela ensinou-lhe algumas frases que permitiram aos missionários a primeira aproximação. “Biti miti punimupa” que significa “eu gosto de vocês”, “Biti winki pungi amupa” que significa “Quero entrar em contacto convosco”, foram algumas das frases que Jim anotou minuciosamente no seu bloco assim como mais algum vocabulário usual.

No dia 6 de Outubro, começaram a lançar desde o ar, algumas prendas. Para isso usavam uma técnica que Nate engenhosamente havia criado. Com esta técnica a que chamou de “corda em espiral”, lançavam um cesto amarrado a uma corda. O avião voava em círculos apertados a uma determinada velocidade que permitia ao cesto cair quase direito em determinado sítio pretendido. Em baixo alguém podia recolhê-lo com a mão, tirar o que continha e até colocar dentro alguma coisa antes que fosse novamente levantado desde o avião.

Seguiram-se mais visitas e mais prendas, umas atrás das outras. Alguns utensílios, ferramentas, roupas, etc.. Os missionários achavam que um programa regular de entregas durante algum tempo poderia convencer os índios das boas intenções do grupo. Para despertar alguma curiosidade, eram lançadas coisas diferentes de umas vezes para as outras. As reacções eram animadoras. Os aucas estavam a responder como esperado. O avião era aparentemente aguardado com entusiasmo. Nenhuma reacção de medo, nem de ameaça. As roupas oferecidas eram logo vestidas.

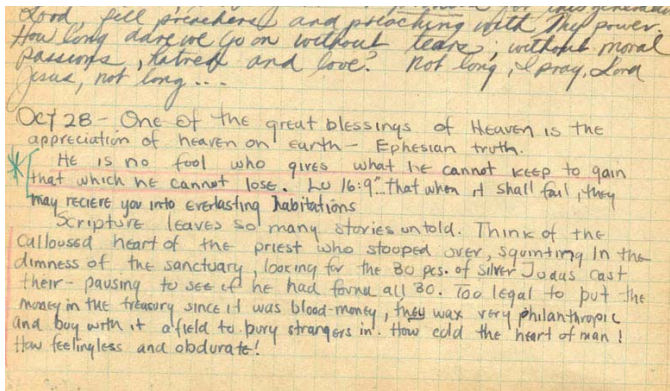


Ed MacCully, Peter Fleming e Jim Elliot

Na quarta viagem, Nate instalou um altifalante que funcionava com ajuda de uma bateria para poder enviar as mensagens amigáveis que Jim tinha aprendido. Na sexta semana, os aucas começaram a agradecer, de vez em quando com alguma oferta que colocavam no cesto. Uma delas foi um belo papagaio. Cada sinal amigável da parte dos aucas era recebido com grande alegria por parte dos missionários.

No dia 3 de Dezembro, já iam na nona visita. À medida que o tempo passava, viam aproximar-se o dia de um encontro terrestre. Para isso, começaram a explorar o terreno, o que os levou a descobrir uma praia junta ao Curaray onde seria possível aterrar. Ficava a 6/7 quilómetros da “cidade terminal”, povoação auca que costumavam visitar.

O plano estava traçado até ao mais pequeno detalhe. Cada missionário tinha um cargo na “operação Auca”. Inclusivamente a Marj, teria a importante tarefa de manter o contacto via rádio com o avião desde Shell Mera. Por seu lado, Bárbara (a esposa de Roger) ficaria em Arajuno com Marilou (esposa de Ed) com a tarefa de preparar a comida que seria levada diariamente para Palm Beach.



Diário do Jim Elliot onde ele escreveu a sua célebre frase... "Não é louco quem abre mão do que não pode reter, para ganhar o que não pode perder."

Na manhã do dia 3 de Janeiro, os cinco homens cantaram juntos um dos seus hinos preferidos e foram. No avião levaram os utensílios e ferramentas necessários, incluindo, uma pequena casa que instalaram no tronco de uma árvore, a 10 metros de altura, junto à praia.

Na quarta e na quinta, Nate e Peter que iam dormir a Arajuno, sobrevoaram a "Cidade terminal" convidando os homens a virem a Palm Beach. Alguns pequenos sinais deixavam adivinhar uma aproximação para breve.

Na sexta às 11:15 ouviu-se uma voz do outro lado do rio, e viram-se 3 aucas, um homem e duas mulheres. Os missionários receberam-nos amigavelmente. O homem, ao qual deram o nome de "George", mostrava interesse pelo avião. Então Nate convidou-o a sobrevoar povoação auca. O resto do dia correu sem surpresas.

Nate Saint e "George" no primeiro encontro terrestre



No sábado, não aconteceu nada de especial.

O dia "D"

No domingo 8, Nate avistou desde o ar, um grupo de 10 aucas a aproximar-se. Às 12h30, contactou sua esposa via rádio, informando-a da situação e pedindo-lhe para se manter atenta para o contacto das 16h30.

Às 16h30, as esposas tentavam contactar o avião. Umas desde Shell Mera, outras desde Arajuno. Chamavam para Palm Beach, mas só restava o silêncio. Esperaram até à noite, na expectativa de que o silêncio se devia a algum pequeno contra-tempo. Os minutos eram longos e dolorosos.

Às sete da manhã do dia 9, Johnny Keenan, colega de Nate na M.A.F. sobrevoou a praia de Palm Beach para conseguir algumas notícias dos companheiros. Às 9h30, Johnny, transmitiu a informação, que Marj de seguida também retransmitiu a todos:

—Johnny encontrou o avião na praia. Arrancaram-lhe o estofo. Ninguém à vista.

Os dias seguintes

Na quarta, colegas missionários, militares norte-americanos e equatorianos organizaram uma operação de resgate que partiu de Arajuno rumo a Palm Beach. Abriavam ainda a esperança de poderem encontrar um deles com vida, eventualmente tentando regressar a pé para a base de Arajuno.

Quando regressaram a Palm Beach, tinham descoberto 4 corpos; o quinto tinha sido avistado pouco antes mas foi impossível reencontrá-lo nas águas abaixo. A equipa de salvamento sepultou os corpos debaixo da árvore onde os missionários tinham instalado a casa.



Elisabeth Elliot, após a notícia

No sábado, o capitão Dewitt do serviço de socorros, convidou as viúvas a sobrevoar o local onde tinham sido sepultados os seus maridos. Ao regressar Marj Saint, viúva de Nate Saint, afirmou:

— É o mais belo cemitério do mundo!

O muro abriu-se

A confiança serena das jovens mães ora viúvas ajudou as crianças a encararem a situação sem qualquer sentimento de tragédia. Tratava-se somente do cumprimento do vontade de Deus. “Eu sei que o meu papá está com Jesus. Sinto muito a falta dele, gostava que ele viesse brincar comigo de vez em quando!” dizia o pequeno Stevie McCully com 3 anos. De regresso aos Estados Unidos, algumas semanas mais tarde, nasceu o Matthew, irmão mais novo de Stevie. Certa vez, quando chorava, este último disse-lhe: “Não te preocupes, quando chegarmos ao céu, eu mostro-te o nosso papá”. Seria o preço demasiadamente elevado?



Elisabeth e Valérie Elliot

Para a generalidade das pessoas, parecia um desperdício de cinco jovens vidas, mas Deus tinha um plano e um objectivo em todas as coisas. Muitos viram as suas vidas transformadas após estes acontecimentos. No Brasil, um grupo de Índios numa estação

missionária do Mato Grosso, caiu de joelhos ao saber a notícia, pedindo a Deus perdão pela sua negligência para com os seus compatriotas índios não crentes. De Roma, um funcionário americano escreveu a uma das viúvas: “ Eu conhecia o seu marido. Ele era para mim a imagem perfeita do cristão.” Um major da Força Aérea, de serviço em Inglaterra, com muita experiência como piloto de aviões a reacção, decidiu imediatamente juntar-se à Associação Missionária de Aviação. De África, um missionário escreveu: “ O nosso trabalho não será jamais como antes. A vida deles marcou profundamente a nossa”.

Ao largo da Costa Italiana, um oficial da marinha americana foi vítima de naufrágio. Enquanto boiava à superfície da água, lembrou-se das palavras de Jim Elliot (lidas num artigo):” Quando a hora da morte chega, será que não há mais nada a fazer senão morrer?” Ele pediu a Deus para o livrar da morte, porque não estava pronto para morrer e Deus salvou-o.

No estado do Iowa, um rapazinho de 8 anos, orou durante uma semana e anunciou aos pais: “Consagrei inteiramente a minha vida a Deus. Eu quero tentar substituir um dos cinco missionários.”

O massacre dos cinco missionários, publicado pelos jornais, despertou imediatamente uma reacção no mundo inteiro. Mensagens de consolo e condolências começaram a chegar às 5 viúvas de toda a parte. Somente a eternidade poderá revelar a quantidade de orações dirigidas a Deus em favor delas, das crianças e da obra que aqueles 5 homens tinham começado.

Rapidamente fizeram-se planos para continuar a obra dos mártires. Johnny Keenan retomou os voos entregando prendas nas aldeias aucas, para demonstrar as boas intenções dos missionários. A obra nos vizinhos quichuas experimentou um reavivamento e estes também começaram a orar pelos aucas.

No dia 3 de Setembro de 1958, três anos e oito meses depois do massacre, 3 mulheres aucas que se converteram ao Senhor através do ministério da Elisabeth Elliot e Raquel Saint (irmã de Nate Saint) voltaram à aldeia onde ficaram 3 semanas falando do amor de Deus.

Alguns dias depois, Elisabeth e Raquel entraram elas mesmas nessa aldeia, como resposta a um convite. Foram recebidas como irmãs.

A morte dos cinco homens conseguiu romper a desconfiança ancestral. O Caminho para a Palavra da verdade estava agora aberto: Os aucas podiam ser alcançados pelo Evangelho.

Adaptado de Através das portas de Resplendor, de Elisabeth Elliot